

A NOBILITAÇÃO URBANA NO BAIRRO ALTO: ANÁLISE DE UM PROCESSO DE RECOMPOSIÇÃO SÓCIO-ESPACIAL

LUÍS MENDES¹

Resumo – O actual fenómeno de nobilitação urbana deve ser contextualizado nas profundas alterações económicas que têm decorrido nos espaços urbanos dos países ocidentais de capitalismo avançado desde os finais dos anos 60 do século passado. Estas transformações não podem, porém, ser somente compreendidas e analisadas como resultado dos circuitos especulativos de valorização/desvalorização do solo urbano e dos bens imobiliários nele existentes, assim como de políticas de intervenção urbanística-arquitectónica, mas também das alterações que aquela reestruturação económica desencadeou na estrutura profissional e na textura social da cidade, com o declínio da produção e do emprego industriais e do rápido crescimento do sector terciário qualificado no seu interior. Seleccionando o Bairro Alto como caso ilustrativo deste processo de reestruturação urbana na cidade de Lisboa, analisaremos as importantes transformações na sua estrutura demográfica e sociocultural, com a chegada de novos moradores desde o início dos anos 80. A hipótese é a de que a reconfiguração de estratégias residenciais de sectores sociais específicos tem conduzido à emergência de novos modelos de apropriação e de vivência do *habitat* e, por conseguinte, ao aparecimento de novos produtos imobiliários e novos formatos de alojamento no bairro. Estes assumem a forma de enclaves residenciais, o que reforça a fragmentação do espaço urbano.

Palavras-chave: Nobilitação (urbana), Bairro Alto, reestruturação urbana, cidade pós-moderna.

Abstract – GENTRIFICATION IN BAIRRO ALTO: A SOCIO-SPATIAL RECOMPOSITION PROCESS ANALYSIS. The present-day phenomenon of gentrification must be contextualised in the profound economic changes which have been taking place in the urban spaces of capitalist western countries since the late 1960s. These changes cannot, however, be only understood and analysed as a result of speculating circuits of valuation/devaluation of the urban land and the estate goods existing there. The same happens with urban-architectonic policies of intervention, as well as with changes resulting from economic restructuring in the professional structure and social fabric of the city,

¹ Investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
E-mail: luisfilipemendes@yahoo.com

with the decline of industrial production and employment and the rapid growth of the highly skilled tertiary sector at its core. Choosing Bairro Alto as an illustrative case of this restructuring urban process in the city of Lisbon, I will analyse the most important changes in its demographic and socio-cultural structure, with the arrival of new dwellers since the beginning of the 1980s. The hypothesis is that the residential strategies' reconfiguration of specific social sectors has been leading to the emergence of new appropriation and living models and, consequently, to the appearance of new estate products and new lodging formats in the neighbourhood. These assume the form of residential enclaves, which reinforce urban space fragmentation.

Key words: Gentrification, Bairro Alto, urban restructuring, postmodern city.

Résumé – LA RÉNOVATION URBAINE DU BAIRRO ALTO: ANALYSE D'UN PROCESSUS DE RECOMPOSITION SOCIO-SPATIALE. L'actuel phénomène de rénovation urbaine est inséparable des profondes transformations économiques qui ont affecté les espaces urbains des pays capitalistes occidentaux depuis la fin des années 60 du siècle dernier. Mais ces transformations ne peuvent pas être seulement analysées et comprises comme résultantes des circuits spéculatifs de valorisation et dévalorisation du sol urbain et des biens immobiliers qui lui correspondent, ainsi que des politiques d'intervention urbanistico-architecturales, mais aussi des altérations que la restructuration économique a provoqué dans la structure professionnelle et la texture sociale de la ville, comme la baisse de production et d'emploi urbains et la croissance rapide du secteur tertiaire qualifié. Ayant choisi le Bairro Alto comme exemple de ce processus de restructuration urbaine, on analyse les importantes transformations de sa structure démographique et socioculturelle, provoquées par l'arrivée de nouveaux habitants à partir du début des années 80. On pense que la reconfiguration des stratégies résidentielles de certains secteurs sociaux a conduit à l'émergence de nouveaux modèles d'appropriation et de vécu des habitats et donc à l'apparition de nouveaux produits immobiliers et de nouvelles formes de logement dans le quartier. Celles-ci prennent la forme d'enclaves résidentielles, qui accentuent la fragmentation de l'espace urbain.

Mots-clés: Rénovation urbaine, Bairro Alto, restructuration urbaine, ville post-moderne.

I. INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, os núcleos históricos das cidades tenderam a degradar-se como consequência de um modelo de crescimento urbano favorável à expansão para a periferia, em detrimento da revitalização das áreas centrais mais antigas e da coesão do tecido urbano já existente. O mercado habitacional concentrou os seus esforços num projecto imobiliário que se desenvolveu predominantemente ao longo dos grandes eixos rodo-ferroviários, em áreas periféricas, cada vez mais afastadas dos centros, ao passo que estes sofriam um processo de despovoamento e de envelhecimento demográfico. Ultimamente, o mercado de habitação das cidades do capitalismo avançado tem sofrido transformações significativas, do ponto de vista da emer-

gência de novos produtos imobiliários e de novos formatos de alojamento, com consequências na organização espacial urbana. Na verdade, aos olhos de um conjunto amplo de autores, estas transformações já há algum tempo configuram o esboço de uma tendência de recentralização que, convém frisar, não substitui a contínua desconcentração das residências e actividades. «A recentralização diz respeito à revalorização de áreas na cidade interior e compreende a reabilitação de sítios antigos e o reaproveitamento de áreas subocupadas, para além dos processos mais permanentes de renovação pontual, ou em mancha» (Barata Salgueiro, 2001: 62).

Trata-se de uma recentralização selectiva, alimentada por novas procuras, promotora de uma crescente revalorização e reutilização física e social dos contextos urbanos, indiciando, por conseguinte, novos processos de recomposição da sua textura socio-espacial. Esta tendência encontra-se, por um lado, associada à recomposição do sistema produtivo, cuja evolução se pauta por uma crescente terciarização e pela emergência de um novo modelo de acumulação capitalista mais flexível que reconhece no (re)investimento no centro histórico – de capital imobiliário, e na sua circulação – uma mais-valia. Por outro lado, radica na reconfiguração da estrutura social sob o signo de uma condição urbana pósmoderna – aqui entendida como um conjunto articulado de mudanças culturais nas experiências e práticas urbanas quotidianas – indissociavelmente ligada a uma cultura de consumo e à estetização da vida social. A globalização da cultura, na sequência da internacionalização da economia e do desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação, a par da introdução de novos modelos de vida urbanos, vem também transformar os estilos de vida dos actores sociais, assim como as suas aspirações e formas de intervenção no espaço urbano, contribuindo para questionar a permanência de determinados contextos sociais tradicionais com forte peso de uma cultura local própria.

O Bairro Alto insere-se nestes contextos socio-espaciais, pois, ainda que receptáculo de enraizadas e antigas manifestações e tradições culturais, tem, nos últimos anos, assistido a profundas alterações no seu tecido social com a chegada de novos moradores, portadores de um estilo de vida próprio, e com a introdução de novos espaços comerciais direccionados para novos públicos, adeptos de conceitos culturais alternativos. É neste quadro que surge o conceito de enobrecimento urbano ou de nobilitação urbana, processo pelo qual alguns grupos se têm tornado centrais para a cidade, quando tornaram o centro da cidade num lugar central para si mesmos, não só do ponto de vista de uma localização residencial privilegiada, mas também do uso que dele fazem, especialmente da sua apropriação como marca de centralidade social (emprestada pela centralidade territorial), pelo poder simbólico que confere e pela distinção social que permite. Referimo-nos, em concreto, às designadas “novas classes médias”, população que é protagonista de um movimento de recentralização que redescobre no valor histórico e/ou arquitectónico dos bairros a capacidade de se reinventar social e culturalmente. Se bem que os bairros antigos da cidade até há pouco tempo fossem entendidos como

vetustos, desactualizados, pouco práticos, incapazes de garantir condições de vida aceitáveis à luz dos padrões actuais, ao que parece têm vindo a aparecer, pouco a pouco, como as respostas mais adequadas às críticas dirigidas aos conjuntos concebidos segundo os modelos propostos pelo urbanismo e arquitectura modernos.

Recorrendo, embora, ao Bairro Alto como caso ilustrativo, daremos particular atenção às formulações teóricas que reconhecem na recomposição socioespacial encetada pela nobilitação urbana, transformações mais vastas, tributárias da produção da cidade pós-moderna. Em especial, daquelas que são iniciativa de determinados grupos sociais, do seu todo ou em parte, e que vão de encontro a uma valorização do consumo simbólico – que se estende doravante dos objectos aos territórios – e a estilos de vida suportados pelos privilégios associados à centralidade urbana. Movimento esse que é, por sua vez, favorável à estetização dos ambientes urbanos quotidianos e da vida social. Esta ideia aproxima-se das descrições que têm vindo a ser feitas da cidade pós-moderna como espaço privilegiado de consumo de mercadorias, imagens e estilos de vida, em contraste com a cidade moderna, que se definia primordialmente em função do seu papel na produção industrial.

Assim, no presente texto, pretende-se dar conta das transformações ocorridas no Bairro Alto em Lisboa, contemplando, de forma sintética e breve, a reestruturação social que este tem registado, bem como o perfil social dos novos moradores (*gentrifiers*) em grande parte responsáveis pela renovação das formas de apropriação daquele espaço. Assim sendo, parece importante enunciar as intenções que presidem a este texto, na forma de algumas perguntas: Existirá, de facto, actualmente, um “retorno à cidade”, em particular aos bairros históricos, sob a forma de um movimento populacional inverso ao anterior de saída para as periferias e esvaziamento do centro? Tratar-se-á de um movimento migratório, ou antes de um processo de reconfiguração de estratégias residenciais de sectores sociais específicos e de estratégias económicas e políticas de reinvestimento na cidade que respondem a novas exigências impostas pela consolidação da fase avançada do capitalismo? Quais os aspectos inerentes ao processo de nobilitação do Bairro Alto que se sustentam na apropriação social do espaço pelos novos moradores?

Com vista a não sobrecarregar o texto, foi propositada a ausência de exclusiva discussão de muitos aspectos teóricos que dão corpo às explicações que, durante as últimas quatro décadas, têm surgido para interpretar o desenvolvimento do fenómeno da nobilitação urbana. Aliás, uma vez que este processo se encontra amplamente documentado na bibliografia dedicada aos estudos urbanos recentes, afigura-se desnecessário repetir essa informação, até porque não é esse o objectivo do presente texto. Limitou-se a análise a algumas referências breves de enquadramento teórico, sempre que a exemplificação do caso concreto a isso obrigasse. Deste modo, não reservámos uma parte do texto à abordagem teórica e outra à ilustração empírica. Neste artigo, elas serão abordadas de forma integrada de modo a facilitar a leitura do fenómeno. Portanto,

as questões teóricas serão constantemente intercaladas e ilustradas com o caso empírico estudado.

II. DA NOBILITAÇÃO URBANA: BREVES CONSIDERAÇÕES INICIAIS EM TORNO DO CONCEITO

No mundo anglo-saxónico dos anos 70 e 80 começaram a esboçar-se tendências que, se não prefiguravam a inversão da suburbanização, pelo menos manifestavam sinais contrários. Estudos empíricos começam a sugerir um regresso aos bairros centrais mais antigos por parte de actores sociais que apresentam características distintas dos residentes. Na verdade, alguns observadores europeus e norte-americanos têm assinalado que, desde o início da década de 70, um pequeno mas significativo (porque crescente) número de famílias jovens, de médio e/ou alto rendimento, têm vindo a transferir-se para bairros centrais antigos, empreendendo estratégias de reabilitação do seu parque habitacional.

Como se encontra bem documentado, o termo *gentrification*², terá sido empregue pela primeira vez por Ruth Glass, em 1964, para designar a mobilidade residencial de indivíduos das classes médias para as áreas populares da cidade de Londres (Zukin, 1987). Assim, para aquela autora:

«One by one, many of the working-class quarters of London have been invaded by the middle-classes – upper and lower. Shabby, modest mews and cottages – two rooms up and two down – have been taken over, when their leases have expired, and have become elegant, expensive residences. Larger Victorian houses, downgraded in an earlier or recent period – which were used as lodging houses or were otherwise in multiple occupation – have been upgraded once again... Once this process of “gentrification” starts in a district it goes on rapidly until all or most of the original working-class occupiers are displaced and the whole social character of the district is changed» (Glass, 1964).

² O termo *gentrification* tem origem no termo *gentry*, que podemos traduzir literalmente por “pequena nobreza” ou “pequena aristocracia”. No *Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, de 1995, pode ler-se: «**gentry** – *people of good social position, those that own a lot of land*; **gentrify** – *to restore and improve a house, an area, etc, to make it suitable for people of higher social class than those who lived there before*; **Gentrification**». Yves Lacoste no seu *Dicionário de Geografia* de 2005 não encontra uma definição muito diferente das consensualmente apresentadas pela maioria dos autores: «Expressão relativamente recente de origem anglo-saxónica que designa um fenómeno de transformação urbana: a substituição da população modesta de um bairro popular por novos habitantes com rendimentos mais elevados, a favor de operações de renovação». A tradutora do original francês propõe a designação “afidalgamento urbano”. Os textos de língua francesa, continuando a usar o conceito no seu idioma original, referem-se-lhe como se tratando de um processo de “embourgeoisement”. Em Portugal, e uma vez que não abundam os estudos sobre o fenómeno, um dos primeiros problemas com que nos defrontámos foi, precisamente, a dificuldade da sua tradução fiel. Partindo do pressuposto de que estava à partida afastado o uso do anglicismo e neologismo *gentrification*, adoptou-se o sinónimo “nobilitação urbana” recomendado por Teresa Barata Salgueiro.

Desde então o conceito de *gentrification* viria a surgir com alguma frequência nos estudos urbanos, sobretudo anglo-saxónicos, em particular a partir da década de 70 e mais recentemente, desde meados dos anos 80, tem suscitado também a atenção das várias ciências sociais (Rodrigues, 1992a, 1992b, 1993). Definições variáveis, mas muito próximas da de Ruth Glass, foram sendo avançadas ao longo das últimas quatro décadas, sendo de sublinhar as seguintes:

«recent widespread pattern of middle-class residential settlement of older inner-city neighborhoods formerly occupied mainly by working-class and underclass communities» (Caulfield, 1994).

«Gentrification is the process [...] by which poor and working-class neighborhoods in the inner city are refurbished via an influx of private capital and middle-class homebuyers and renters – neighborhoods that had previously experienced disinvestment and a middle-class exodus. [...] a dramatic yet unpredicted reversal of what most twentieth-century urban theories had been predicting as the fate of the central and inner-city» (Smith, 1996a: 32).

«Simultaneously a physical, economic, social and cultural phenomenon, gentrification commonly involves the invasion by middle-class or higher-income groups of previously working-class neighbourhoods or multi-occupied “twilight areas” and the replacement or displacement of many of the original occupants» (Hamnett, 1984: 282).

Desde há cerca de quarenta anos, o conceito vem assim designar este novo processo de recomposição (e substituição) social verificado no espaço urbano, estreitamente ligado a acções de reabilitação urbana das habitações nos centros antigos das cidades, mediante investimentos estatais ou privados.

III. SERÁ A NOBILITAÇÃO URBANA SINÓNIMO DE “MOVIMENTO DE RETORNO À CIDADE”?

Da imprensa e círculos académicos em Inglaterra, o termo *gentrification* torna-se posteriormente muito popular nos EUA, país onde, como referimos anteriormente, desde os anos 70 a nobilitação urbana vai assumindo cada vez maior intensidade e visibilidade. O empolar da expressão “regresso à cidade”, ou seja, da ideia de um pretense retorno à cidade por parte de sectores sociais que a haviam abandonado rumo às periferias, vulgarizou expressões como *back to the city movement*, o que acabou por confundir o real significado do processo. Deste modo, as primeiras aplicações do conceito de nobilitação urbana designaram a inversão do movimento centrífugo, para fora da cidade, por parte das classes abastadas. Não é menos certo, porém, que cedo um tal movimento populacional foi relativizado e enquadrado na escala adequada. De resto, a obra *Back to the City* de Laska e Spain (1980) representa o esforço de questionar seriamente o alcance de um pretense “retorno à cidade”, enquanto movimento migratório de grande amplitude no sentido “periferia-centro”. O contributo destes autores permitiu situar o processo de nobilitação urbana como um conjunto articulado de dinâmicas que parecem implicar um reinvestimento crescente na

cidade por intermédio de reabilitação de áreas antigas devolutas ou ocupadas por sectores sociais de baixos recursos económicos.

De resto, importa salientar que as questões de terminologia tiveram lugar no debate no processo de *gentrification* e na problemática da sua definição conceptual. Este termo foi muito frequentemente contestado devido às suas nítidas conotações de classe³, tendo alguns investigadores preferido designar aquele processo de “revitalização urbana”, “movimento de regresso à cidade”, “recolonização dos bairros centrais”, sobressaindo de cada uma dessas denominações também as divergências sobre o que os seus diversos autores acreditavam ser a questão central naquele processo. Sublinhe-se, contudo, que todas estas designações encontram, de alguma forma, segundo certos autores, premissas implícitas e ideologicamente fundamentadas, encerrando sempre um certo etnocentrismo de classe. Designações como “renascimento”, “revitalização” ou “recolonização” têm inerente a noção defendida nos anos 50 e 60 por alguns teóricos de que o abandono das classes médias da cidade, acompanhado da instalação de classes populares e minorias étnicas, teria acentuado o “declínio urbano” que, hoje em dia, estaria a inverter-se com o regresso das primeiras e transferência das segundas. A designação “movimento de regresso à cidade” sugere, por seu turno, um fluxo intenso entre os subúrbios e a cidade, como se esta surgisse novamente atractiva para aqueles que nas últimas décadas a tinham abandonado, contrariando registos empíricos recentes que demonstram, por um lado, o carácter não massivo do movimento (são grupos restritos, apesar da tendência para um crescimento em número), e por outro, que os *gentrifiers* são na sua maioria urbanitas, tratando-se, desta forma, não de uma migração de fora para dentro da cidade, mas sim de movimentos operados no seio do espaço urbano-metropolitano e dentro deste com maior incidência nos bairros centrais. Este facto é também aplicável, como se verá, ao caso do Bairro Alto.

À semelhança do que se tem registado na maioria das freguesias da cidade de Lisboa, também Santa Catarina e Encarnação, freguesias com uma ocupação urbana consolidada, experimentam uma dinâmica populacional que aponta no sentido de uma acentuada regressão que não parece querer abrandar (quadros I e II). Com efeito, pelo menos desde os anos 60, têm vindo a perder população, ao mesmo tempo que se assiste a um crescimento explosivo da zona suburbana (Barata Salgueiro, 2001).

As quebras chegam a ser muito acentuadas, atingindo, a maior parte delas, contingentes superiores a um quarto dos residentes. E se tivermos em conta que a cidade de Lisboa conseguiu recuperar, de 70 a 81, uma parte da quebra demográfica da década anterior, a regressão evidenciada por Santa Catarina, superior a 7%, surge ainda mais acentuada. Num tal contexto, não se estranhará o profundo envelhecimento do bairro, caracterizado pela importância dos habi-

³ Até pela origem etimológica da palavra que empresta ao conceito o seu significado. Como vimos *gentry* – raiz da palavra *gentrification* – significa literalmente “pequena nobreza”, “pequena aristocracia”.

Quadro I – Evolução da população residente, entre 1960 e 2001
 Table I – Evolution of the resident population between 1960 and 2001

	1960	1970	1981	1991	2001
Freguesia de Santa Catarina	11.715	8.600	7.969	5.153	3.979
Freguesia da Encarnação	9.558	6.200	6.628	3.072	3.050
Concelho de Lisboa	802.230	760.150	807.937	663.394	564.657

FONTE: INE, Recenseamento da população, 1960; 1970; 1981; 1991; 2001

Quadro II – Variação da população residente (%), entre 1960 e 2001
 Table II – Variation of the resident population (%) between 1960 and 2001

	1960/70	1970/81	1981/91	1991/2001
Freguesia de Santa Catarina	-26,6	-7,3	-35,3	-22,8
Freguesia da Encarnação	-35,1	6,9	-53,7	-0,7
Concelho de Lisboa	-5,2	6,3	-17,9	-14,9

FONTE: INE, Recenseamento da população, 1960; 1970; 1981; 1991; 2001

tantes com 65 ou mais anos, com um peso superior a 28%, valor superior à média de Lisboa (quadro III), já de si elevada quando comparada com outras cidades do país (Matias Ferreira e Calado, 1992a; 1992b).

No que respeita à idade, os *gentrifiers* parecem ser maioritariamente jovens e adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos. Contudo, no Bairro Alto, estas parecem estender-se até aos 40 anos, podendo ser explicado, por um lado, pelo facto de em Portugal o percurso universitário acabar mais tarde devido às dificuldades que os recém licenciados encontram de inserção na vida profissional e, por outro, em virtude da dificuldade em suportar os valores praticados no mercado imobiliário aquando da sua afirmação social, profissional e familiar. Uma análise à população residente no bairro há menos de dez anos (quadro III), com base nas conclusões do inquérito socio-habitacional levado a cabo pelo Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica em 1992/1993, permite comprovar esta tendência, dado que 50% dos novos moradores do bairro têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos. Assim sendo, trata-se de uma população maioritariamente jovem que provavelmente estará no início da vida activa. Se compararmos estes valores com os relativos a Lisboa ou ao próprio bairro, verifica-se que a população residente que se insere nesta faixa etária não chega aos 20%. Para além disso, o índice de envelhecimento dos novos moradores é dez vezes mais reduzido do que o do bairro. Portanto, se bem que se trate de um processo lento e ainda em desenvolvimento embrionário, não existem dúvidas de que as linhas de força da actual nobilitação urbana do bairro representam um rejuvenescimento populacional, bem como uma redução do respectivo índice de envelhecimento, ainda que apenas em sectores restritos.

Quadro III – População residente (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo os grupos etários, em 1981 e 2001

Table III – Resident population (%) in Bairro Alto and in Lisbon, according to age groups, between 1981 and 2001

Grupo etário	Lisboa		Bairro Alto		Novos moradores ⁴
	1981	2001	1981	2001	
Menos de 20	26,3	16,9	22,2	11,7	3,0
20-24	7,6	7,4	7,8	7,7	8,5
25-29	6,7	7,3	7,0	8,2	14,3
30-34	6,4	6,1	5,5	6,0	20,2
35-39	6,1	6,1	5,3	5,9	15,4
40-44	6,3	6,1	5,6	6,3	12,5
45-49	7,1	6,4	6,6	6,2	7,1
50-54	7,2	6,8	7,0	6,6	4,5
55-59	6,8	6,5	7,1	6,1	3,5
60-64	5,3	6,7	6,2	6,7	3,2
65-69	5,0	7,0	6,4	7,6	2,4
70-74	4,1	6,3	5,8	7,1	2,0
Mais de 75	5,2	10,3	7,5	13,9	3,4
Índice de envelhecimento	75	203	117	371	38,5

FONTES: INE, Recenseamento da população, 1981 e 2001

Inquérito socio-habitacional 1992/1993 – Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica

As sucessivas diminuições de população residente registadas no Bairro na segunda metade do século XX, apesar de acompanharem as que se experimentaram por todo o conjunto da cidade de Lisboa são, de longe, muito mais intensas, pondo definitivamente de lado qualquer hipótese da nobilitação urbana se confundir com uma migração maciça em direcção ao bairro, com origem nas áreas periféricas da cidade. Por conseguinte, embora visível pela observação de campo e pelo contacto com actores privilegiados no processo, a nobilitação urbana não se deixa, porém, entrever nas informações constantes nos diversos recenseamentos populacionais, pelo menos enquanto movimento populacional considerável “periferia-centro”.

A verdade é que uma simples análise da variação populacional também não se afigura suficiente de forma a interpretar a especificidade do movimento de fixação de novos moradores, designadamente, no que toca à sua origem geográfica. Esta constitui um dos elementos melhor caracterizadores da defi-

⁴ População residente no Bairro Alto há menos de dez anos (por representante do agregado), de acordo com o inquérito socio-habitacional de 1992/1993, elaborado pelo Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica. Esta categoria dos novos moradores é representativa do que no presente texto tem sido designado por *gentrifiers* ou nobilitadores.

nição dos protagonistas da nobilitação. Deste modo, nos últimos vinte anos de estudos urbanos dedicados à interpretação da nobilitação urbana, tem vindo a ganhar consenso a ideia de que ao contrário do que se pensava, os *gentrifiers* são, na sua maioria, urbanitas, havendo apenas uma minoria de indivíduos provenientes das áreas periféricas. Recorrendo novamente aos resultados do inquérito socio-habitacional que já referimos, pode constatar-se que, também na área de estudo, os novos moradores são maioritariamente urbanitas, pois já habitavam na cidade de Lisboa, embora antes possa ter protagonismo um movimento da periferia para a cidade. Da análise do quadro IV, é possível inferir que a maior parte dos habitantes que moram no bairro há menos de dez anos são oriundos da cidade de Lisboa (32,7%) ou do resto do país (41%). Apenas uns residuais 3% dos novos moradores têm origem na periferia da cidade.

Quadro IV – População residente (%) no Bairro Alto, há menos de 10 anos, segundo a origem geográfica (por representante do agregado), em 1992/93
Table IV – Population residing (%) in Bairro Alto for less than 10 years, according to geographical origin (by household representative), in 1992-93

Origem geográfica	%
Bairro	3,9
Cidade de Lisboa	32,7
Periferia de Lisboa	3,3
Área Metropolitana do Porto	2,3
Litoral	20,1
Interior	20,6
PALOP	9,7
Outros países estrangeiros	7,4

FONTE: Inquérito socio-habitacional 1992/1993 – Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica

Demonstra-se, deste modo, que o designado “retorno à cidade”, enquanto movimento migratório de grande amplitude no sentido “periferia-centro” não se confirma no caso específico do Bairro Alto. Aliás, como referimos no ponto introdutório, a nobilitação urbana remete para uma recentralização selectiva, pelo que, à partida, estaria posta de parte qualquer hipótese de se tratar de um movimento populacional de alcance considerável, capaz de inverter a “sangria demográfica” experimentada nos últimos quarenta anos pelas freguesias do bairro. Deixará, então, de ter interesse a abordagem do fenómeno que o restringe às evidências da mobilidade residencial – factor que não poderá, todavia, ser negligenciado – para passar a ser analisado pelas implicações ao nível dos usos do solo e da valorização fundiária que a reabilitação urbana produz numa determinada área.

IV. REESTRUTURAÇÃO ECONÓMICA NO ESPAÇO URBANO, CULTURA DE CONSUMO, ESTETIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL E REINVESTIMENTO NO CENTRO HISTÓRICO

Ao longo do último quarto de século têm surgido reflexões pertinentes de que as cidades do mundo ocidental ingressaram numa nova era da sua história. Essas ideias sugerem que, conquanto ainda sejam cidades produzidas por uma sociedade moderna, elas passaram por mudanças de tal alcance que não podem ser mais aceites pelas velhas designações, nem estudadas no contexto das teorias urbanas convencionais. Em resultado de todo um conjunto de transformações relacionadas com a reestruturação económica global e a compressão espaço-temporal propiciada pelas melhorias significativas nos transportes e pelas novas tecnologias da comunicação, as cidades de maior dimensão das sociedades capitalistas do mundo contemporâneo têm registado alterações profundas em vários domínios fundamentais da vida urbana: na base económica, na composição sociocultural, na estrutura urbana, na política e gestão, entre outros. É já seguramente consensual para um número crescente de autores que se assiste, nas últimas décadas, à formação de um novo tipo de cidade que, por comodidade e na falta de melhor expressão, se designa de “pós-moderna”, “pós-industrial” ou “pós-fordista”. Termos adoptados que devem bastante às teses visionárias de Daniel Bell (1973) e Alvin Toffler (1970, 1981). E se é certo que a emergência da cidade pós-moderna do capitalismo tardio não anula, por substituição automática, a cidade moderna do capitalismo industrial, a verdade é que as manifestações da transição não deixam margem para grandes dúvidas no esboço de uma nova forma de organização do espaço urbano.

A reestruturação da base económica está associada a uma progressiva desindustrialização dos espaços urbanos e ao incremento da presença de actividades terciárias, factores que influenciam decisivamente a estrutura funcional das cidades e que redefinem a sua funcionalidade interna, já que se acelera o processo de substituição dos espaços de produção pelos de serviços e de lazer. De facto, assiste-se a uma profunda transformação da funcionalidade da cidade moderna, a qual assentava na componente da produção. A transição da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna é caracterizada, entre muitos outros aspectos, por importantes alterações nos domínios demográfico e sociocultural – alterações na estrutura e composição da família (crescimento do número de isolados, aumento das uniões de facto e de casais sem filhos), crescente participação da mulher na esfera produtiva, acesso ao ensino, democratização da educação, entre outros (Dansereau e Choko, 1988; Ley *et al.*, 1986). Todos estes factores vêm igualmente contribuir para a profunda alteração da estrutura social e dos padrões, condutas e estilos de vida a estas associados, nomeadamente, ao nível dos padrões de escolha, de (p)referência ao *habitat* (Pellegrino, 1994; Pellegrino *et al.*, 1994).

Neste contexto, o processo de nobilitação urbana pode ser encarado como um dos processos espaciais mais visíveis desta ampla mutação socioeconómica,

como materialização no espaço urbano deste profundo processo de reestruturação que experimentam as sociedades ocidentais de capitalismo avançado: «(...) the restructuring of urban space is not, strictly speaking, a new phenomenon. The entire process of urban growth and development is a constant patterning, structuring and restructuring of urban space. What is new today is the degree to which this restructuring of space is an immediate and systematic component of a larger economic and social restructuring of advanced capitalist economies. A given built environment expresses specific patterns of production and reproduction, consumption and circulation, and as these patterns change, so does the geographical patterning of the built environment» (Smith, 1996b: 344).

Porém, numa primeira fase este fenómeno não foi conceptualizado deste modo. Predominavam análises descritivas e isoladas sem qualquer esforço de contextualização e de enquadramento teórico do processo. Apresentando um carácter iminentemente empiricista, as investigações recaíam sobre estudos de caso que apenas focavam as transformações físicas e sociais em determinados bairros, entendendo-as como produto da acção de alguns indivíduos autónomos, não contemplando as diversas dinâmicas estruturais que a condicionam e que a moldam. Numa segunda fase do estudo da nobilitação destacou-se a importância da reabilitação urbana e suas implicações ao nível dos usos do solo e da valorização fundiária que sucede aos processos de reabilitação. Numa terceira fase, a análise deste fenómeno centrou-se nas esferas da produção e do consumo. As explicações tenderam a dicotomizar-se, procurando, cada uma delas, privilegiar a supremacia de uma esfera em relação à outra no estudo do processo de *gentrification* (Clark, 1994). As primeiras teorias procuraram enfatizar a importância do capital e dos diversos agentes institucionais (Estado, Poder Local, Bancos e outras instituições financeiras) no processo de reestruturação do espaço urbano, enquanto que as segundas, privilegiaram a esfera do consumo relativamente à da produção, no mercado da habitação e do solo urbano. De forma sucinta, as teorias que sustentam a primazia da produção fazem derivar o processo de nobilitação urbana do movimento e circulação de capital nas áreas urbanas, procurando explicar este processo através da desvalorização que sofre o solo urbano, face ao rendimento que um novo investimento poderia ter. Por seu turno, as teorias que privilegiam o consumo, entendem a nobilitação urbana como consequência directa das mudanças verificadas na estrutura demográfica e social da população e no estilo de vida de certos sectores da classe média, nos valores e padrões de consumo a ele associados (Hamnett, 1992; Zukin, 1987, 1989, 1995).

Atendendo ao primeiro grupo de estudos, afigura-se necessário revisitar a relação entre a produção do espaço construído e as crises no processo de acumulação de capital. Esta relação foi estudada por Harvey (1978, 1982, 1985) e Barata Salgueiro (1994: 91) sintetiza-a da seguinte forma: «Do ponto de vista da circulação do capital, os *booms* imobiliários coincidem com a transferência do capital do circuito primário de acumulação (a esfera produtiva) para o circuito secundário (produção do ambiente construído) (...) em épocas de excesso

de liquidez e problemas de acumulação registadas no processo produtivo». À luz deste princípio, Smith (1979a, 1987) procura explicar a reestruturação do espaço urbano como um processo intimamente ligado à própria reestruturação da economia capitalista, mais precisamente, aos ciclos macroeconómicos de evolução irregular que marcam o desenvolvimento das sociedades de capitalismo avançado. Segundo este autor, o desenvolvimento do capitalismo conduziu, em parte, à superprodução de certos bens, o que provocou uma quebra dos lucros e, conseqüentemente, uma crise no domínio da produção. Esta crise só conseguiu ser atenuada e superada por intermédio de novas oportunidades e de novas formas de canalização do investimento para sectores que permitissem uma rápida e eficaz reprodução, designadamente, o imobiliário. Portanto, percebe-se que a partir do pós-guerra, aquele passou a dirigir-se preferencialmente para o sector da construção, em detrimento do sector tradicional da produção industrial, gerando importantes recomposições na expansão e organização espacial da forma urbana (Gottdiener, 1985).

Inaugura-se, assim, um novo ciclo: o da valorização/desvalorização do espaço urbano nos mercados regionais de solo, coincidindo em paralelo com o início do processo de suburbanização. Estes processos são designados por Neil Smith como predominantemente responsáveis pela forma como o processo de reestruturação urbana se apresenta nos dias de hoje. Isto porque o movimento de saída de capital para a periferia provoca uma alteração inversamente proporcional dos níveis de renda do solo dos próprios subúrbios e dos bairros centrais: enquanto o valor do solo nos subúrbios aumenta significativamente com o crescimento de novas construções e infra-estruturas, e com a conseqüente introdução nesses espaços de uma multiplicidade de actividades, o valor fundiário dos bairros centrais, ao invés, sofre uma progressiva diminuição, sendo cada vez menor a quantidade de capital canalizado e investido na manutenção, reparação e recuperação do parque habitacional destas áreas no interior das cidades. Deste fenómeno resultou a emergência do que Neil Smith (1987) denominou de *rent gap* nos bairros centrais: acentua-se a diferença entre a actual renda capitalizada dado o presente uso do seu solo, e a renda que potencialmente poderá a vir a ser capitalizada, tendo em conta a sua localização central. É precisamente o movimento de saída de capital para os subúrbios e o conseqüente surgimento do fenómeno *rent gap* no espaço urbano central que, segundo o autor, criam maiores oportunidades económicas para a reestruturação urbana dos bairros centrais e para o investimento público e privado na reabilitação e recuperação do seu parque habitacional, fenómeno de ocorrência quase universal em todas as cidades das sociedades de capitalismo avançado.

Recentemente, a procura de localizações para investimento em áreas metropolitanas, e face a áreas suburbanas já saturadas e mais dispendiosas, propiciou a canalização do capital público e privado para as áreas interiores subvalorizadas (atendendo à sua localização central), empreendendo-se acções (desde a reabilitação à simples especulação imobiliária) visando a obtenção de lucros através do encurtamento da diferença entre a renda capitalizada real e a potencial.

Em suma, o processo de nobilitação urbana resulta, em parte, do desenvolvimento irregular e flexível do mercado do solo urbano, integrando-se no processo geral de acumulação de capital.

Associado a esse movimento de desvalorização/valorização dos bairros centrais encontra-se, também, segundo o autor que vimos seguindo, o fenómeno do declínio/desenvolvimento de certos sectores económicos, e a mudança que sofrem quanto à sua implantação espacial. Refere-se, em particular, ao duplo processo de desindustrialização/terciarização que vem ocorrendo nas sociedades contemporâneas em geral, manifestando-se particularmente intenso e abrangente no espaço urbano. A este nível é de realçar que, se por um lado, as novas actividades industriais criadas no período pós-guerra já não foram localizadas nos bairros pericentrais, espaço reservado à indústria segundo o modelo de Burgess, por outro, as que já se haviam estabelecido anteriormente tendem a encerrar (falência, desinvestimento), ou a serem deslocadas para a periferia, criando-se a oportunidade para que muitas destas áreas industriais fossem reconvertidas em espaços comerciais e de serviços, ou até mesmo, sobretudo nos EUA, em confortáveis estruturas habitacionais.

Portanto, segundo Neil Smith (1996a, 1996b), a influência deste duplo processo de desindustrialização-terciarização, em complemento do fenómeno de *rent gap*, é suficiente para explicar a profunda reestruturação que ocorre actualmente nos centros históricos. Explica as diversas facetas do fenómeno em causa, apoiando a compreensão do tipo de parque habitacional e de usos de solo mais envolvidos no fenómeno *rent gap*, assim como, quais os novos usos e funções a serem investidos no solo urbano. O autor explica também que, em consequência desta reconfiguração das actividades económicas da cidade, foram várias as mudanças na estrutura profissional e na apropriação dos grupos sociais do espaço urbano que exerceram uma importância decisiva no surgimento do processo de nobilitação urbana.

Uma outra tendência, igualmente relevante para o nosso problema, relaciona-se com a centralização espacial das funções de comando e de decisão, processo que tem sido paralelamente acompanhado pela descentralização do capital e das funções produtivas. Nos últimos vinte anos, tem-se assistido a um intenso crescimento da instalação de escritórios nos espaços centrais urbanos, em articulação com a centralização continuada dos centros de tomada de decisão e de funções de comando da actividade produtiva, enquanto os verdadeiros centros ou estruturas de produção se descentralizam para a periferia (Sassen, 1994, 2001; Barata Salgueiro, 1994, 2001). Importa salientar, no âmbito do processo de nobilitação urbana no Bairro Alto, as novas oportunidades de emprego qualificado, especialmente dirigido a alguns sectores da classe média, criadas no perímetro interior das cidades. De facto, vários textos apontam para o carácter polarizado do emprego nos serviços; portanto, os escritórios e as empresas que proliferam nos centros oferecem empregos muito qualificados. Ainda que se possa admitir que esta situação não implica directamente o regresso daquelas fracções de classe aos bairros centrais antigos, ela é uma das condições

impulsionadoras do processo de nobilitação (Ley, 1980; Rodrigues, 1999; Hamnett, 2000).

Numa tentativa de definição dos sectores da classe média envolvidos no processo, impõe-se a caracterização dos novos moradores do Bairro Alto, designadamente dos que aí residem há dez ou menos anos. O objectivo passa então por definir o perfil social dos *gentrifiers*, os actores do fenómeno em estudo, pelo que este irá ser construído tendo por base os dados relativos à profissão, idade, nível de instrução, estado civil e origem geográfica. Como já foi referido anteriormente, o processo de *gentrification* contextualiza-se no seio de uma ampla recomposição sociodemográfica, traduzindo-se na constituição de uma suposta “nova classe média” que se diferencia da classe média tradicional (Ley, 1994, 1996; Butler, 1997). Os seus membros ocupam lugares em profissões tradicionais que tendem a crescer e em novas profissões ao nível de actividades ligadas ao que Bourdieu (1989) apelidou de “produção simbólica”. São os intermediários culturais, ligados às indústrias culturais, às artes, à publicidade, ao *design*, à moda, à cultura, imagem e *marketing*, arquitectura e decoração, entre outras.

A afirmação destas categorias sociais acompanha os sinais de reconfiguração da estrutura económica e social da cidade, na transição entre a modernidade e a pós-modernidade, desencadeada pelo processo de reestruturação económica, por meio do qual actividades e aspectos anteriormente periféricos, sofrem um movimento de (re)centralização – “das margens para o centro”, no entendimento de O’Connor e Wynne (1996) – passando a assumir uma maior centralidade nas preocupações do Urbanismo. A nobilitação urbana assiste ao surgimento de um novo contexto de valorização da urbanidade segundo moldes e formas culturais (Davis, 1985) que consolidam uma cultura hedonista permissiva que acompanha a pós-modernidade e se reflecte no espaço da cidade através da emergência de novos produtos imobiliários que configuram os lugares urbanos sob o signo do imagético e do “valor-signo”, ou seja, do simbólico. O que efectivamente está em causa nas mudanças com diversos níveis de registo na paisagem urbana da cidade é o facto de se estar a configurar um deslocamento progressivo da leitura e ênfase imagética mais económica e funcional das metrópoles (baseadas até então no processo produtivo), para um centramento em torno de um registo mais estético, simbólico e cultural (baseadas actualmente no processo de consumo). A organização socioeconómica contemporânea – e respectivas manifestações no comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais – tem-se definido cada vez mais à luz do privilégio conferido ao consumo, de tal maneira que se pode mesmo falar em sociedade e cultura de consumo (Baudrillard, 1970; Featherstone, 1991). No caso dos estudos urbanos, estes conceitos têm sido aplicados à transição no sentido de uma condição pós-moderna em geral (Dear, 2000, 2001; Ellin, 1996) e dizem respeito ao papel preponderante que o consumo detém no processo de identificação e mediação sociais e nos novos padrões de uso do tempo/espaço (Barata Salgueiro, 1996; Barata Salgueiro e Cachinho, 2002; Cachinho, 2002).

Indissociável da cultura de consumo e da emergência e crescimento de actividades de produção simbólica encontra-se também a afirmação de uma tendência de estetização da vida social. Esta pode ser entendida em vários sentidos. Em primeiro lugar, o do “apagamento” ou transgressão dos limites entre a arte e a vida social. É a ideia de que tudo pode ser arte e de que a arte pode estar embutida em todo e qualquer objecto, manifestação, comportamento, incluindo na trivialidade da vida quotidiana. Em segundo lugar, a estetização da vida social pode ser entendida como o projecto de tornar a vida uma obra de arte – salientem-se as figuras do *dandy*, do *flâneur*, personificações do estilo de vida boémio e que privilegia as sensações e as experiências de vida na produção do entendimento da realidade social. Algo que está geralmente associado ao perfil social do *gentrifier* (Bourdin, 1979, 1980; Bowler e McBurney, 1991; Mills, 1993).

Por último, a estetização da vida social pode referir-se ainda ao rápido fluxo de signos e imagens que saturam a textura da vida quotidiana. O facto do signo ter assumido uma importância e ubiquidade muito fortes e o modo como a realidade passou a ser concebida, como uma relação confusa entre significantes e significados, onde se torna cada vez mais difícil estabelecer a distinção entre os objectos/bens/serviços, ou seja, entre a componente material e a imaterial, isto é, entre o valor de uso e o valor-signo, sendo que o primeiro sai desvalorizado em detrimento das imagens e representações que o último evoca. O que aconteceu foi que a produção estética actual se integrou na produção de mercadorias em geral (Jameson, 1984). Digamos que por estetização da sociedade deverá entender-se a reintrodução no domínio socioeconómico de categorias do mundo artístico que eram anteriormente consideradas como estando “fora”, “à parte”, ou “acima” da vida quotidiana. A arte é cada vez menos um tema de acesso restrito e a “vida de artista”, conotada por vezes com a boémia e o “descontrolo”, ela própria cada vez menos avaliada negativamente. Pelo contrário, progressivamente valorizada, é fonte de referências a incorporar na estilização da vida de públicos sociais cada vez mais abrangentes (Featherstone, 1991; Zukin, 1982, 1989; Podmore, 1998).

São estes dois fenómenos descritos de forma sintética – cultura de consumo e estetização da vida social – que estão na base da afirmação de uma “nova classe média” na reconfiguração das cidades centrais e, por conseguinte, na valorização de novos produtos imobiliários que nestas se começa a encontrar. Para além dos “intermediários culturais”, aquele novo grupo social diz também respeito a profissões científicas e técnicas relacionadas com a educação, a formação profissional e o meio académico. No caso do Bairro Alto, este grupo também é visível, já que aproximadamente 30% da nova população residente no bairro pertence ao grupo de profissões científicas, técnicas, artísticas e similares. Esta percentagem poderá parecer não muito elevada devido à concorrência de outras áreas residenciais da cidade que nos últimos anos têm recebido um importante fluxo populacional onde predominam indivíduos pertencentes a estes grupos socioprofissionais. Contudo, caso se considere os grupos de direc-

tores e quadros superiores administrativos e restante pessoal administrativo e trabalhadores similares, e se a este juntarmos os 15% que este último grupo representa, perfazem-se cerca de 45%. Muito embora o peso indiscutível destes grupos de trabalhadores mais qualificados nos novos moradores do bairro, a estrutura geral da população empregada apresenta uma distribuição relativamente equilibrada. Os trabalhadores menos qualificados da indústria, comércio e serviços assumem uma representação também expressiva, o que parece, à primeira vista, pôr em causa o processo de “filtragem social” associado à nobilitação (quadro V).

Quadro V – População residente (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo o grupo profissional (por representante do agregado), em 2001
Table V – Resident population (%) in Bairro Alto and in Lisbon, according to professional groups (by household representative) in 2001

Grupos profissionais	Lisboa	Bairro Alto	Novos Moradores
Pessoal de profissões científicas, técnicas, artísticas e similares; Directores e quadros superiores administrativos	30,9	21,9	32,9
Pessoal administrativo e técnicos intermédios	27,3	27,4	11,8
Pessoal dos serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores similares, incluindo comércio	13,8	20,7	39,0
Trabalhadores da agricultura e pesca; Forças Armadas	0,9	0,6	0,4
Trabalhadores das indústrias extractivas e transformadora e condutores de máquinas fixas e de transporte	12,2	12,1	15,9

FONTE: INE, Recenseamento da população, 2001; Inquérito socio-habitacional 1992/1993 – Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica

A nobilitação urbana é, por definição, um processo de “filtragem social” da cidade. Vem despoletar um processo de recomposição social importante em bairros antigos das cidades, indiciando um processo que opera no mercado de habitação, de forma mais vincada e concreta nas habitações em estado de degradação dos bairros tradicionalmente populares. Correspondendo à recomposição (e substituição) social desses espaços e à sua transformação em bairros de classes média, média-alta, não se pode deixar de referir, por conhecimento deste processo de “substituição social”, o reforço da segregação socio-espacial na sua sequência, aprofundando a divisão social do espaço urbano. Retomando a análise do quadro V, a verdade é que a apropriação pontual do espaço, característica da nobilitação urbana, introduz mudanças na escala da segregação socio-residencial produzida. Esta far-se-á, doravante, e contrariamente ao que acontecia

na cidade moderna, a uma escala *micro* de maior complexidade, baralhando o primórdio da divisão social da cidade em manchas homogêneas, inerente ao princípio de zonamento funcional associado à cidade industrial. Esta mudança de escala não é perceptível nas informações disponíveis pelo Instituto Nacional de Estatística ao nível de freguesia.

Assim, quando se assiste à emergência de empreendimentos destinados à habitação de grupos de estatuto socio-económico mais elevado em bairros históricos de características essencialmente populares – verdadeiros enclaves de luxo no seio de áreas de residência de classes baixas – como é o caso presente do Bairro Alto, facilmente se conclui que a nobilitação é um exemplo de uma nova organização do espaço urbano, reforçando uma estrutura fragmentada, típica da cidade pós-moderna. Por fragmentação do território deve entender-se «uma organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura socioespacial que os cerca» (Barata Salgueiro, 1998: 225). A autora faz notar que o que define o enclave não é tanto a sua dimensão (que se podia pressupor reduzida) mas o tipo de relação (ou melhor a não-relação) com as áreas envolventes que lhe são contíguas em termos territoriais, porém, desprovidas de continuidade social e funcional. O processo de nobilitação do Bairro Alto aparenta, assim, corroborar a tese, defendida por Teresa Barata Salgueiro nos seus estudos mais recentes (1997, 1998, 1999, 2001), da cidade pós-moderna, enquanto espaço fragmentado. A cidade compacta, de limites precisos, cujo centro evidencia uma relativa homogeneidade social, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais mais complexas, territorialmente descontínuas e sócio e espacialmente enclavadas (Clark, 2000; Dematteis, 2001; Graham e Marvin, 2001).

Fortemente interligado com a profissão, o nível de escolaridade é considerado como uma das principais variáveis do perfil do *gentrifier*, pois é responsável pela configuração do capital cultural que assiste aos valores e representações sociais da sua estrutura motivacional na definição da necessidade de aspiração e distinção social. É a hipótese de a representação de distinção social centrada na educação variar em proporcionalidade directa do grau de escolaridade (Casanova, 2004). Na verdade, quando se considera o perfil do *gentrifier*, o grau de escolaridade é na maioria dos casos bastante alto, associado a graus académicos, cursos superiores ou médios. A apreciação dos dados estatísticos relativos aos novos moradores do Bairro Alto (quadro VI), permite confirmar a presença de capitais escolares muito superiores aos dados globais relativos ao conjunto da cidade de Lisboa, pelo menos mediante as informações disponíveis para o início da década de 90. Enquanto nos novos habitantes do bairro é possível distinguir 24,3% de indivíduos com diplomas universitários ou que frequentam cursos médios, a totalidade da cidade de Lisboa apresenta um valor claramente inferior, que ronda os 10%. Este valor baixa ainda mais se considerarmos a unidade territorial “bairro”. Se simultaneamente apreciarmos a soma dos valores do nível secundário com os do médio/superior, registamos que no

caso dos novos moradores no Bairro, o total perfaz cerca de metade do universo considerado. Além disso, e ainda em relação a estes valores, registamos sempre níveis de instrução mais elevados, comparativamente com a cidade de Lisboa e com a população já residente no Bairro Alto, tendo em conta ambos os momentos censitários, 1991 e 2001. Não deixa de ser importante registar que mais de 27% dos novos moradores apenas possui o 1.º ciclo do ensino básico completo como habilitação académica, valor que, mesmo inferior face ao da cidade e ao do Bairro, é expressivo no universo apreciado. Este valor corrobora as informações anteriormente discutidas em torno dos grupos profissionais mais representados na população residente do Bairro e denuncia o estágio ainda primário em que a nobilitação urbana deste se encontra e a expressão territorial que lhe é característica apenas pontualmente.

Quadro VI – População residente (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo o nível de instrução (por representante do agregado), em 1991 e 2001

Table VI – Resident population (%) in Bairro Alto and in Lisbon, according to educational level (by household representative) in 1991 and 2001

Nível de Instrução	Lisboa		Bairro Alto		Novos moradores
	1991	2001	1991	2001	
Sem primário	9,6	10,3	7,3	6,4	7,9
Primário	37,5	27,6	47,9	34,7	27,8
Preparatório	9,1	17,8	9,5	17,4	15,2
Secundário	27,1	17,6	25,9	21,4	24,8
Médio / Superior	16,8	26,7	9,4	20,0	24,3

FONTE: INE, Recenseamento da população, 1991 e 2001; Inquérito socio-habitacional 1992/1993 – Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica

No que respeita ao estado civil, ainda que os valores mais recentes de 2001 não divirjam muito entre si – à excepção do número de divorciados e de separados que é ligeiramente superior nos novos moradores do bairro em comparação com os da cidade – é de sublinhar a elevada percentagem de indivíduos solteiros (37,8%) no quadro do efectivo de novos moradores que entretanto se fixaram no Bairro Alto ao longo da década de 80 e início dos anos 90 (quadro VII). A reduzida dimensão do agregado familiar tem fortes implicações no processo de nobilitação urbana, indo de encontro à oferta habitacional presente no Bairro.

A reestruturação social em curso no Bairro Alto só se torna legível, de forma satisfatória, quando se interpreta no seio de um quadro mais amplo de mudanças sociais que explicam, paralelamente, a revalorização que as áreas centrais têm experimentado no que toca ao (re)investimento na habitação para estratos socio-económicos mais elevados. Estes, por sua vez, ao evidenciarem

novos estilos de vida mais cosmopolitas e privilegiarem o acesso a serviços diversificados e de qualidade, configuram novas importantes procuras para novos produtos imobiliários que resultam da mudança no modo de produção do espaço.

Quadro VII – População residente activa (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo o estado civil, em 1981, 1991 e 2001

Table VII – Active resident population (%) in Bairro Alto and in Lisbon, according to marital status in 1981, 1991 and 2001

Nível de Instrução	Lisboa		Bairro Alto		Novos moradores
	1991	2001	1991	2001	
Solteiro	27,8	37,8	36,1	38,5	37,8
Casado	62,5	47,6	47,5	50,7	49,2
Viúvo	2,6	9,2	12,2	2,9	4,3
Divorciado/Separado	7,2	5,3	4,2	8,0	8,7

Fonte: INE, Recenseamento da população, 1981; 1991 e 2001; Inquérito socio-habitacional 1992/1993 – Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica

V. REFLEXÕES FINAIS: O CONTRIBUTO DA NOBILITAÇÃO URBANA PARA A FRAGMENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A nobilitação urbana no bairro reflecte, enquanto processo socio-espacial, uma dinâmica social que se materializa no espaço de forma pontual, o que se prende seguramente com a crescente fragmentação e diversidade da estrutura social, mas não menos com o jogo de mercado imobiliário pouco regulado e com processos especulativos de valorização/desvalorização de uso do solo. Concretiza-se sob a forma de enclaves socialmente dissonantes no seio do tecido social do bairro, que parece ainda reservar uma relativa homogeneidade social. As acções pontuais da nobilitação do bairro subsidiam uma produção de cidade mais fragmentada e são exemplos acabados de que os espaços de acção dos *gentrifiers* não mais se definem pela continuidade territorial e pelas relações de proximidade. Entronca na necessidade de compreensão das microunidades sociais, e espaço de grupos restritos e de dinâmica social complexa, nomeadamente no que toca à constatação de uma assinalável heterogeneidade de comportamentos espaciais, sociais e culturais, que não se coaduna com uma classificação de classes sociais de perfil bem definido. A multipertença simultânea de cada indivíduo a diversos grupos com diferentes referências, mutável, além do mais, em função dos ciclos de vida, confere uma componente camaleónica ao modo de vida urbano típico do *gentrifier* ou de qualquer urbanita, donde advém uma aparência caótica e uma dificuldade acrescida de operacionalização de categorias metodológicas capazes de detectar as práticas (Beauregard, 1986). A tradicional e bem definida correspondência entre dado estatuto socioeconómico e consumo e práticas sociais, com disposição territorial em mancha homogénea con-

tínua, desmembrou-se, na medida em que a maior parte dos estatutos culturais actuais se encontram localizados em redes difusas, cuja pertença deriva menos do local de residência, das relações familiares ou do meio socio-económico. É neste sentido que se afigura com bastante dificuldade construir um modelo genérico da apropriação social do espaço segundo a condição urbana pós-moderna, visto ser grande a heterogeneidade das formas de apropriação do espaço e do tempo em diferentes e justapostos contextos societários (Ascher, 1998, 2001). O desenvolvimento da sociedade de consumo disponibiliza um tal número de alternativas identitárias, que torna impossível deduzir ou relacionar determinado tipo de práticas culturais à espacialidade a que está implicitamente associado determinado estatuto socioeconómico do *gentrifier*. Pode dizer-se, no seguimento da proposta de Teresa Barata Salgueiro (1997), que se tende para uma apropriação pontual do território urbano, em detrimento da tradicional apropriação extensiva e em mancha de uma determinada zona. O território continua a participar na identificação dos indivíduos, contudo a apropriação é agora mais selectiva e feita a um nível *micro*, quando interdependências funcionais ou de interesses se sobrepõem à solidariedade de vizinhança e às dependências de proximidade, na base das relações sociais. Assume relevância o aumento da diversidade social associada a novos padrões de consumo, à pluralidade de estilos de vida que produzem novas e diversificadas procuras culturais. A nobilitação urbana assiste – enquanto fenómeno de reestruturação urbana – a um aprofundamento de especificidades e particularismos sociais, que se reflectem numa crescente diferenciação das práticas sociais e culturais. Estas, por sua vez, espelham-se em espacialidades em rede, formando um tecido social complexo e difícil de decifrar.

AGRADECIMENTOS

Estou grato à Professora Teresa Barata Salgueiro pelos comentários de estímulo ao trabalho realizado e pela leitura atenta e sugestões críticas de uma primeira versão do texto.

BIBLIOGRAFIA

- Ascher F (1998) *Metapolis. Acerca do futuro da cidade*. Celta Editora, Oeiras.
- Ascher F (2001) *Nouveaux principes d'urbanisme*. PUF, Paris.
- Bailey N, Robertson D (1997) Housing renewal. Urban policy and gentrification. *Urban Studies*, 34 (4): 561-578.
- Barata Salgueiro T (1994) Novos produtos imobiliários e reestruturação urbana. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, XXIX(57): 79-101.

- Barata Salgueiro T (1996) *Do comércio à distribuição. Roteiro de uma mudança*. Celta Editora, Oeiras.
- Barata Salgueiro T (1997) Lisboa: metrópole policêntrica e fragmentada. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, XXXII(63): 179-190.
- Barata Salgueiro T (1998) Cidade pósmoderna: espaço fragmentado. *Inforgo*, 12/13: 225-235.
- Barata Salgueiro T (1999) Ainda em torno da fragmentação do espaço urbano. *Inforgo*, 14: 65-76.
- Barata Salgueiro T (2001) *Lisboa, periferia e centralidades*. Celta Editora, Oeiras.
- Barata Salgueiro T, Cachinho H (2002) Comércio, consumo e (re)produção do espaço urbano. *Apontamentos de Geografia*, 14, CEG-UL, Lisboa.
- Baudrillard J (1970) *La société de consommation*. Éditions Plànete, Paris.
- Beauregard R (1986) The chaos and complexity of gentrification. In Smith N, Williams P (eds) *Gentrification of the City*. Allen & Unwin, London: 35-55.
- Bell D (1973) *The coming of post-industrial society*. Basic Books, New York.
- Biau V (1988) Le loft: un nouvel habitat urbain. *Espaces et Sociétés*, 51: 145-163.
- Bonvalet C, Merlin P (1988) L'évolution des structures familiales: quelles conséquences pour l'habitat? *Espaces et Sociétés*, 51: 183-202.
- Bourdieu P (1989) *O poder do simbólico*. Difel, Lisboa.
- Bourdin A (1979) Restauration réhabilitation: l'ordre symbolique de l'espace néo-bourgeois. *Espaces et Sociétés*, 30/31: 15-35.
- Bourdin A (1980) Réhabilitation des vieux quartiers et nouveaux modes de vie. *Recherches Sociologiques*, 11(3): 259-275.
- Bourne L S (1993) The myth and reality of gentrification: a commentary on emerging urban forms. *Urban Studies*, 30(1): 183-189.
- Bowler A, McBurney B (1991) Gentrification and the avant-garde in New York's East Village: the good, the bad and the ugly. *Theory, Culture & Society*, 8(4): 49-77.
- Burgess E (1925) The growth of the city. In Park R et al. (eds) *The City*. Oxford University, Chicago Press: 47-62.
- Butler T (1997) *Gentrification and the middle classes*. Ashgate, Aldershot.
- Butler T, Robson G (2001a) Coming to terms with London: middle-class communities in a global city. *International Journal of Urban and Regional Research*, 25(1): 70-85.
- Butler T, Robson G (2001b) Social capital, gentrification and neighbourhood change in London: a comparison of three south London neighbourhoods. *Urban Studies*, 38(12): 2145-2162.
- Cachinho H (1991) *Centros comerciais em Lisboa: os novos espaços de consumo*. CEG-UL, Lisboa.
- Cachinho H (1999) Geografias do consumo: rotas exploradas e novas linhas de rumo. *Inforgo*, 14: 157-178.
- Cachinho H (2002) *O comércio retalhista português. Pós-Modernidade, consumidores e espaço*. Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica do Ministério da Economia, Lisboa.
- Carpenter J, Lees L (1995) Gentrification in New York, London and Paris: an international comparison. *International Journal of Urban and Regional Research*, 19(2): 286-304.
- Casanova J (2004) *Naturezas sociais. Diversidade e orientações sociais na sociedade portuguesa*. Celta Editora, Oeiras.
- Caulfield J (1994) *City form and everyday life. Toronto's gentrification and critical social practice*. University of Toronto Press, Toronto.

- Clark E (1994) Towards a Copenhagen interpretation of gentrification. *Urban Studies*, 31(7): 1033-1042.
- Clark W (2000) Monocentric to policentric: new urban forms and old paradigms. In Bridge G, Watson S (eds) *A companion to the city*. Blackwell, Oxford: 141-154.
- Dansereau F, Choko M (1988) Révalorisation des centres urbains et nouveaux visages de l'accès à la propriété au Canada. *Espaces et Sociétés*, 51: 21-34.
- Davis M (1985) Urban renaissance and the spirit of postmodernism. *New Left Review*, 151: 106-113.
- Dear M (2000) *The postmodern urban condition*. Blackwell, Oxford.
- Dear M (2001) The postmodern turn. In Minca C. (ed.) *Postmodern Geography. Theory and Praxis*. Blackwell, Oxford: 1-36.
- Dematteis G (2001) Shifting cities. In Minca C (ed.) *Postmodern Geography. Theory and Praxis*. Blackwell, Oxford: 113-128.
- Ellin N (1996) *Postmodern urbanism*. Princeton Architectural Press, New York.
- Featherstone M (1991) *Consumer culture & postmodernism*. Sage, London.
- Filion P (1991) The gentrification social structure dialectic: a Toronto case of study. *International Journal of Urban and Regional Research*, 15(4): 553-574.
- Gale D (1983) Middle-class resettlement in older urban neighbourhoods: the evidence and the implications. In Baldassare M (org.) *Cities and urban living*. Columbia University Press, New York: 293-304.
- Glass R (1964) London: Aspects of Change. Centre for the Urban Studies and MacGibbon and Kee, London. In Smith N (1996a) *The new urban frontier. Gentrification and the revanchist city*. Routledge, London: 33.
- Gottdiener M (1985) *The production of urban space*. University of Texas Press, Austin.
- Gottdiener M, Budd L (2005) *Key concepts in urban studies*. Sage, London.
- Graham S, Marvin S (2001) *Splintering urbanism. Networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition*. Routledge, London.
- Hall T (1998) *Urban geography*. Routledge, London.
- Hamnett C (1984) Gentrification and residential location theory: a review and assessment. In Herbert D, Johnston R J (eds) *Geography and the urban environment: progress in research and applications*. Wiley & Sons, New York: 283-319.
- Hamnett C (1990) Migration and residential social change: a longitudinal analysis of migration flows into, out-of and within London, 1971-1981. *Revue de Géographie de Lyon*, 65(3): 155-163.
- Hamnett C (1991) The blind men and the elephant: the explanation of gentrification. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 16: 173-189.
- Hamnett C (1992) Gentrifiers or lemmings? A response to Neil Smith. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 17(1): 116-119.
- Hamnett C (2000) Gentrification, postindustrialism, and industrial and occupational restructuring in global cities. In Bridge G, Watson S (eds) *A companion to the city*. Blackwell, Oxford: 331-341.
- Harvey D (1978) The urban process under capitalism. *International Journal of Urban and Regional Research*, 2: 101-131.
- Harvey D (1982) *The limits to capital*. Blackwell, Oxford.

- Harvey D (1985) *The urbanization of capital*. Blackwell, Oxford.
- Jager M (1986) Class definition and the aesthetics of gentrification: Victoriana in Melbourne. In Smith N, Williams P (ed.) *Gentrification of the city*. Allen & Unwin, London: 79-91.
- Jameson F (1984) Postmodernism, or the cultural logic of capitalism. *New Left Review*, 146: 53-92.
- Kumar K (1995) *From Post-Industrial to Post-Modern Society. New Theories of the Contemporary World*. Blackwell, Oxford.
- Lacoste Y (2005) *Dicionário de Geografia. Da geopolítica às paisagens*. Editorial Teorema, Lisboa.
- Laska S, Spain D (1980) *Back to the city: issues in neighbourhood renovation*. Pergamon Press, Elmsford.
- Lees L (1994) Rethinking gentrification: beyond the positions of economics or culture. *Progress in Human Geography*, 18(2): 137-150.
- Lees L (2000) A reappraisal of gentrification: towards a geography of gentrification. *Progress in Human Geography*, 24(3): 389-408.
- Levy A (1994) Le système résidentiel urbain et son fonctionnement socio-sémiotique: connotations sociales de l'espace et styles de vie. *Espaces et Sociétés*, 73: 99-115.
- Ley D (1980) Liberal ideology and the postindustrial city. *Annals of the Association of American Geographers*, 70(2): 238-258.
- Ley D (1986) Alternative explanations for inner-city gentrification: a canadian assessment. *Annals of the Association of American Geographers*, 76(4): 521-535.
- Ley D (1987) The rent gap revisited. *Annals of the Association of American Geographers*, 77(3): 465-468.
- Ley D (1994) Gentrification and the politics of the new middle class. *Environment and Planning D: Society and Space*, 12(1): 53-74.
- Ley D (1996) *The new middle class and the remaking of the central city*. Oxford University Press, Oxford.
- Ley D WESTERN J.; CYBRIWSKY, R. (1986) The political and social construction of revitalized neighbourhoods. In Smith N, Williams P (eds) *Gentrification of the city*. Allen & Unwin, London: 92-102.
- Matias Ferreira V, Calado M (1992a) *Freguesia da Encarnação (Bairro Alto)*. Contexto Editora, Lisboa.
- Matias Ferreira V, Calado M (1992b) *Freguesia de Santa Catarina (Bairro Alto)*. Contexto Editora, Lisboa.
- Mills C (1993) Myths and meanings of gentrification. In Duncan J, Ley D (ed.) *Place/Culture/Representation*. Routledge, London: 149-170.
- O'Connor J, Wynne D (1996) *From the margins to the center: cultural production and consumption in the post-industrial city*. Arena, Aldershot.
- Pacione M (2001) *Urban geography. A global perspective*. Routledge, Londres.
- Pellegrino P (1994) Styles de vie et modes d'habiter. *Espaces et Sociétés*, 73: 9-12.
- Pellegrino P, Jacot F, Lambert C (1994) Types, modèles et emblèmes: interfaces de la (re)présentation de soi, les styles de l'espace habité. *Espaces et Sociétés*, 73: 165-189.
- Podmore J (1998) (Re)reading the loft living habitus in Montréal's inner city. *International Journal of Urban and Regional Research*, 22(2): 283-302.
- Rémy J (1983) Retour aux quartiers anciens: recherches sociologiques. *Recherches Sociologiques*, 14(3): 297-319.

- Rodrigues W (1990a) Gentrification e emergência de novos estilos de vida na cidade. *Colóquio Viver n(a) Cidade*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Centro de Estudos Territoriais. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Rodrigues W (1990b) *Sociabilidade: do bairro à telemática*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Rodrigues W (1992a) Urbanidade e novos estilos de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 12: 91-107.
- Rodrigues W (1992b) *Retorno à cidade e emergência de novos estilos de vida. O fenómeno gentrification como exemplificação*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Rodrigues W (1993) Urbanidade e novos estilos de vida. Contributos para um debate. *II Congresso Português de Sociologia*. Editorial Fragmentos e Associação Portuguesa de Sociologia, Lisboa: 812-816.
- Rodrigues W (1999) Globalização e gentrificação. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 29: 95-125.
- Sassen S (1994) *Cities in a world economy*. Sage, London.
- Sassen S (2001) *The global city. New York, London, Tokyo*. Princeton University Press, Oxford.
- Smart B (1993) *Postmodernity*. Routledge, London.
- Smith N (1979a) Toward a theory of *gentrification*: a back to the city movement by capital not people. *Journal of the American Planning Association*, 45: 538-548.
- Smith N (1979b) Gentrification and capital: theory, practice and ideology in Society Hill. *Antipode*, 11(3): 24-35.
- Smith N (1982) Gentrification and uneven development. *Economic Geography*, 58: 139-155.
- Smith N (1984) *Uneven development: nature, capital and the production of space*. Blackwell, Oxford.
- Smith N (1986a) Gentrification, the frontier, and the restructuring of urban space. In Smith N, Williams P (ed.) *Gentrification of the city*. Allen & Unwin, London: 15-34.
- Smith N (1986b) The gentrification of Harlem? *Annals of the Association of American Geographers*, 76(3): 347-365.
- Smith N (1987) Gentrification and the rent gap. *Annals of the Association of American Geographers*, 77(3): 462-465.
- Smith N (1992) Blind man's buff, or Hamnett's philosophical individualism in search of gentrification. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 17(1): 110-115.
- Smith N (1996a) *The new urban frontier. Gentrification and the revanchist city*. Routledge, London.
- Smith N (1996b) Gentrification, the frontier, and the restructuring of urban space. In Fainstein S, Campbell S (eds) *Readings in urban theory*. Blackwell, Oxford: 260-277.
- Smith N, LeFaivre M (1984) A class analysis of gentrification. In London B, Palen J (ed.) *Gentrification, Displacement and Neighborhood Revitalization*. State University of New York Press, Albany: 43-64.
- Smith N, LeFaivre M. (ed.) (1986) *Gentrification of the city*. Allen & Unwin, London.
- Toffler A (1970) *Future shock*. Random House, New York.
- Toffler A (1981) *The third wave*. Bantam Books, New York.
- Warde A (1991) Gentrification as consumption: issues of class and gender. *Environment and Planning D: Society and Space*, 9: 223-232.

- Weese J (1994) Gentrification as a research frontier. *Progress in Human Geography*, 18(1): 74-83.
- Zilhão A, Duarte M I (1984) Bairro Alto: contribuição para o estudo de uma comunidade em transformação. *Sociedade e Território*, 2: 14-28.
- Zukin S (1982) Loft living as historic compromise in the urban core: the New York experience. *International Journal of Urban and Regional Research*, 6(2): 256-267.
- Zukin S (1987) Gentrification: culture and capital in the urban core. *Annual Review of Sociology*, 13: 129-147.
- Zukin S (1989) *Loft living, culture and capital in urban change*. Rutgers University Press, London.
- Zukin S (1995) *The cultures of cities*. Blackwell, Oxford.
- Zukin S (1998) Urban lifestyles: diversity and standardisation in spaces of consumption. *Urban Studies*, 35(5/6): 825-839.